

Para quem é esse lugar? Problematização sobre a presença não branca nos espaços de visibilização da Agroecologia.

Who is this place for? Problematization about the non-white presence in the spaces of visibility of Agroecology

Vivian Delfino Motta¹

¹ Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, Brasil. Orcid 0000-0003-3642-3606 e vivianmotta@ifsp.edu.br

RESUMO

A pandemia transformou as formas de comunicar os conhecimentos produzidos pelas pessoas que atuam no movimento agroecológico. Um dos principais caminhos para refletir sobre as propostas da Agroecologia foram as Lives, diálogos virtuais, que foram transmitidos durante o ano de 2020-2021, com diversos temas que ecoaram em vários cantos do Brasil e do mundo visibilizando ideias e pessoas detentoras do poder de fala. Esse trabalho tem como objetivo analisar quem ocupou esses espaços, conectando as categorias gênero e raças com os temas trabalhados. A pesquisa busca compreender como a presença de corpos racializados e generificados refletem o compromisso na materialização de 2 proposições políticas: “sem feminismo não há Agroecologia”; “se tem racismo não tem Agroecologia” e como os canais virtuais de importantes coletivos que compõem o campo agroecológico fortalecem, a partir da comunicação, a consolidação (ou não) da Agroecologia feminista, diversa e antirracista. A pesquisa mostrou que as mulheres ocuparam a maior parte dos espaços de evidência e de fala, mas também ressaltou a ausência de pessoas não brancas nos espaços de fala.

Palavras-chave: Questões raciais, Presença, Agroecologia, Poder.

ABSTRACT

The pandemic has transformed the ways of communicating the knowledge produced by people working in the agroecological movement. One of the main ways to reflect on the proposals of Agroecology were the Lives, virtual dialogues, which were broadcast during the year 2020-2021, with various themes that echoed in various corners of Brazil and the world, making ideas and people holding the power to be visible. speaks. This work aims to analyze who occupied these spaces, connecting the gender and race categories with the themes worked on. The research seeks to understand how the presence of racialized and gendered bodies reflects the commitment to the materialization of 2 political propositions: “without feminism there is no Agroecology”; “if you have racism, you don't have Agroecology” and how the virtual channels of important collectives that make up the agroecological field strengthen, through communication, the consolidation (or not) of feminist, diverse and anti-racist Agroecology. The research showed that women occupied most of the evidence and speech spaces, but also highlighted the absence of non-white people in speech spaces.

Keywords: Racial issues, Presence, Agroecology, Power

INTRODUÇÃO

O conhecimento é um elemento que posiciona pessoas na sociedade, mas tão importante quanto deter o conhecimento é ser lido e visto como alguém que o possui. Quantas vezes ouvimos “conhecimento é poder”, mas quem tem esse poder? Ter conhecimento é o suficiente para ocupar os espaços de poder? No capitalismo colonial moderno (QUIJANO, 2005) todas e todos são vistos e ouvidos como pessoas construtoras e

detentoras de conhecimento e, conseqüentemente, de poder? E o mais importante para esse texto: Como conhecimento e poder se conectam com a Agroecologia?

A colonialidade gerou um padrão perpetuado até o presente momento em que a Europa é o território das positivities e dos conhecimentos fundamentais para a constituição do que é civilizado e moderno, tal processo de constituição baseado na perspectiva colonial constitui o que chamamos de eurocentrismo. Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016), mostram que:

Localizar o início do sistema mundo/capitalista/cristão/moderno/colonial em 1492 tem repercussões significativas para os teóricos da decolonialidade. A mais evidente é o entendimento que a modernidade não foi um projeto gestado no interior da Europa a partir da Reforma, da Ilustração e da Revolução Industrial, às quais o colonialismo se adicionou. Contrariamente a essa interpretação que enxerga a Europa como um contêiner – no qual todas as características e os traços positivos descritos como modernos se encontrariam no interior da própria Europa –, argumenta-se que o colonialismo foi a condição *sine qua non* de formação não apenas da Europa, mas da própria modernidade (BERNARDINO-COSTA; GROSGOQUEL, 2016, pg.17).

Ou seja, para que o eurocentrismo se estabeleça é preciso um processo de deterioração estrutural da positividade do outro em simultaneidade ao processo de construção de uma positividade universal conectada à Europa, designando o porquê de alguns sujeitos exercerem o poder em detrimento da subalternização de outros/outras. A proposta eurocêntrica de “modernidade” necessita das colônias da América Latina como processo de contraponto (o atrasado) e é no processo da escravidão que ocorre a estruturação da raça como categoria permanente de organização social.

A codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados se concretiza e se evidencia plenamente na categoria raça, ou seja, uma suposta e distinta estrutura biológica que situa uns em situação “natural” de inferioridade em relação a outros em uma situação também natural de “superioridade”. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia (QUIJANO, 2005, pg.117).

Assim, foi a partir da colonização da América que se constituíram categorias históricas originadas das relações de dominação entre colonizado e colonizador. Identidades históricas como negro, índio, mestiço assumem o conceito moderno a indicação de

quem possui “naturalmente” os aspectos “necessários” para o exercício do poder, dentre eles “o conhecimento”.

Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, **e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais** (...) (grifo nosso) Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento (QUIJANO, 2005, pg. 118 e 121).

Como parte da colonização brasileira, a eliminação de forma violenta dos processos de conhecimentos, do universo simbólico das populações não brancas como estratégia para a universalização da verdade baseada no conhecimento gerado pelos brancos.

Forçaram –também em medidas variáveis em cada caso– os colonizados a aprender parcialmente a cultura dos dominadores em tudo que fosse útil para a reprodução da dominação, seja no campo da atividade material, tecnológica, como da subjetiva, especialmente religiosa. É este o caso da religiosidade judaico-cristã. Todo esse acidentado processo implicou no longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura (QUIJANO, 2005, pg.121).

Voltando o olhar para a Agroecologia, vemos que a base das transformações propostas partem da destruição do conceito eurocêntrico de modernidade, e, nesse texto, vou conectar esse princípio à proposta trazida por Dussel (2005) e Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016) que analisam a transmodernidade como um projeto utópico, assim como a Agroecologia, e que propõe que a modernidade seja vista como uma série de respostas críticas decoloniais, construídas por todos os povos que foram subalternizados. Para os autores, é um processo que propõe um caminho para a construção de uma rede de estratégias para a superação das injustiças, da desigualdade e da valorização dos diferentes processos de construção de conhecimentos. A Transmodernidade tem anseios semelhantes aos da Agroecologia e é por essa conexão, e por entender que a “falsa ideia de modernidade” (BERNARDINO-COSTA e GROSGOUEL, 2016) é resultado do eurocentrismo e do etnocentrismo, que conclui: a construção de estratégia para a materialização da Agroecologia como um projeto de

transformação social só se dará com a compreensão de que a raça exerce um papel histórico organizacional da realidade que vivemos hoje.

A Agroecologia, como um processo complexo, nos permite olhar, compreender, dismantlar e reconstruir utopicamente a realidade, mas peca em não buscar na história a compreensão de como a realidade a ser enfrentada foi construída e estruturada. Não analisar de forma exaustiva as estruturas ligadas a constituição da raça como forma de destituição de acesso ao poder, da naturalização da inferioridade e superioridade e da dispersão do capitalismo como sistema global, afeta consideravelmente a possibilidade de ver na Agroecologia um caminho real para a mudança social. “A produção do conhecimento agroecológico se dá por meio da agricultura camponesa, do conhecimento tradicional e pela produção da ciência, que se estabelece em relação direta com o conhecimento tradicional” (SILVA, 2017, pág.1).

Não acreditamos, portanto, ser possível construir a Agroecologia tanto como projeto de transformação social quanto como uma ciência que busca produzir conhecimento a partir de um paradigma holístico e integrativo, sem romper com as bases epistemológicas do pensamento colonial racista patriarcal capitalista que dão sustentação ao modelo de exploração dos corpos das mulheres e seus territórios de vida e luta. (COSTA, DIMENSTEIN e LEITE, 2020, pg.12).

Autoras e autores do campo agroecológico concordam que a produção do conhecimento e das estratégias de resistência passam pela valorização e compreensão atenta e respeitosa dos conhecimentos tradicionais, pela não hierarquização dos conhecimentos e por compreender que a diversidade é fundamental para a eliminação das desigualdades.

Há a compreensão de que o conhecimento é também ancestral e necessita ser diverso, que essas vivências são fundamentais para a concretização das transformações tão desejadas. O discurso e a narrativa produzida por protagonistas, movimentos e instituições no campo da Agroecologia seguem de forma coesa essas premissas na construção do seu discurso político. Uma das formas de materializar e amplificar os pactos firmados é a partir dos lemas “sem feminismo não há Agroecologia” e “se tem racismo não tem Agroecologia”, que são exemplos de pactuações políticas que o campo da Agroecologia realiza a partir das suas instituições centrais, nas cartas políticas

construídas ao longo dos Congressos Brasileiros de Agroecologia e dos Encontros Nacionais de Agroecologia.

As narrativas pessoais, discursos políticos e a divulgação das pactuações deveriam se materializar em ações estruturantes que gerassem oportunidades para as categorias marginalizadas. Apesar de tais conclusões serem lógicas, a materialização dos lemas não acontece de forma harmônica e tranquila, tanto a questão feminista como a antirracista entram na Agroecologia através do conflito: o feminismo é alçado como caminho para erradicação do machismo criando enfrentamento das mulheres em relação aos homens e vejo esse processo muito ligado a ideia binária de gênero. Já a questão racial entra na Agroecologia colocando os corpos negros em posição conflituosa com as pessoas brancas, ampliando para além do gênero, as disputas pelo poder.

As expressões que denotam conflitos de representatividade e voz sobre a questão racial são evidenciados pelas mulheres negras, que geram enfrentamentos mais complexos, não marcados em categorias distintas, e que fissuram a ideia de universal das categorias “as mulheres”, “os homens”, “a juventude” e marcam diretamente as desigualdades, racionalizando os indivíduos “mulheres negras”, “homens brancos”, “juventude negra”, complexificando o debate. Essas categorias vêm apontando as ausências, invisibilidades, e a desvalorização dos sujeitos nos espaços sociais, inclusive nos espaços criados pela Agroecologia.

Esse trabalho tem como objetivo tentar demonstrar que, mesmo com um discurso transformador, o fazer agroecológico, quando não se estrutura nas questões raciais, reproduz e perpetua a branquitude criada pela sociedade capitalista excludente.

Para a construção dessas reflexões, dialoguei com autoras/es latino-americanos e caribenhos racializados e que estudam e vivem no território do Sul Global. Ressalto que a análise não está focada na fala ou na voz de quem fala, mas sim a na presença do corpo que fala, a presença no espaço de poder. Então, não é um ponto de análise a voz do subalterno, mas sim a presença da/do subalterna/o. Esse artigo também não tem como intenção debater profundamente conceitos sobre interseccionalidade, branquitude e a perspectiva histórica da implantação do racismo no Brasil. Acredito que tal exercício já foi realizado em artigos publicados anteriormente como: “Por uma Agroecologia

antirracista”(MOTTA,2018),“Agroecologia antirracista: uma insistência” (MOTTA, 2021), “Mulher(es) e Agroecologia: a diversidade falada, mas ainda escondida”(MOTTA, 2022). Mas, para situar as reflexões aqui apresentadas utilizo a seguinte definição de branquitude:

Branquitude é **um local de vantagem estrutural** (grifo nosso), de privilégio racial. Além disso, é um "ponto de vista", um lugar do qual as pessoas brancas olham para nós mesmos, para os outros e para a sociedade. Ainda, ‘Branquitude’ refere-se a um conjunto de práticas culturais que são geralmente invisíveis e anônimas (FRANKENBERG, 1993, pg.1).

METODOLOGIA

A pandemia de COVID-19, impediu a realização do Congresso Nacional de Agroecologia (CBA) e do Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (SNEA), dentre outros eventos, inviabilizando a coleta de dados no campo. Esses eventos são fundamentais para entender quem são as pessoas convidadas para ocupar os espaços de evidência e de influência na construção do conhecimento agroecológico e para evidenciar as categorias ausentes, que se localizam a margem desses espaços de privilégio.

Apesar de todas as dificuldades, a pandemia possibilitou a utilização de outras estratégias de comunicação como, por exemplo as *Lives*, que “pipocaram” no ambiente virtual provocando a disseminação rápida e ampla de ideias, opiniões, análises, estudos sobre os mais diversos temas, sendo que a Agroecologia também aderiu a essa estratégia, como forma de romper o isolamento e substituir os encontros presenciais cancelados devido à pandemia de COVID-19.

Durante o ano de 2020, a divulgação dos seminários virtuais ao vivo (*lives*) foram feitas principalmente por meio de *cards* (material de divulgação virtual que geralmente apresenta o nome da pessoa que irá falar, a foto, a formação/ocupação e o tema de debate, além do dia/horário e da canal onde será realizada a transmissão) destacavam nomes e a imagem das pessoas que explanaram sobre temas ligados à Agroecologia. 2) não é intenção analisar quem são as entidades responsáveis pelos convites e realização das lives, mas sim a presença ou não dos critérios feministas, antirracistas e pró-

diversidade, assumidos pelas entidades da Agroecologia, durante a escolha dos conteúdos divulgados nas redes geridas por pessoas ligadas a essas organizações. Os canais de comunicação possuem grande relevância quando na difusão dos princípios assumidos pela Agroecologia. Sendo assim foram analisadas as informações coletadas nos seguintes espaços:

A- No Google: Foram coletados os *cards* encontrados com o uso das palavras de busca “*lives + Agroecologia*”, para visualizar qual o perfil das pessoas que “falaram” sobre Agroecologia em *lives* divulgadas, a partir de algoritmos em que não há controle sobre o material divulgado;

B- Em canais do YouTube de coletivos importantes para a Agroecologia: Foram analisadas as *lives* que ocorreram no ano de 2020-2021 e que se encontram disponíveis no YouTube dos coletivos analisados.

C- No WhatsApp: foram coletados *cards* que circularam por 2 grupos de WhatsApp focados na discussão exclusiva da Agroecologia e criados por entidades importantes ligadas à temática. Os *cards* coletados circularam pelos grupos durante todo ano de 2020-2021. Ressalto que qualquer membro pode inserir conteúdo de divulgação, mas todos os grupos possuem administradores/as responsáveis pela organização do coletivo.

Foram comparados os resultados das análises da rede em que não há possibilidade de controle dos materiais divulgados, como no caso da pesquisa no Google, com as redes agroecológicas que são alimentadas por pessoas vinculadas ao movimento e comprometidas com os pactos assumidos pelas entidades.

Para essa pesquisa, os canais do YouTube e os grupos de WhatsApp receberam nomes fantasias, o que em nada atrapalhou a compreensão das análises: YouTube do coletivo Aroeira; YouTube do Coletivo Jatobá; YouTube do coletivo Ingá; YouTube do coletivo Jequitibá; grupo de WhatsApp Jarana; grupo de WhatsApp Angico.

Foram analisados 325 *cards*, correspondendo ao total de *lives* pesquisadas, divulgados pelas redes descritas acima durante um período de 12 meses, de março de 2020 a março de 2021. Essas *lives* foram realizadas por 1090 pessoas, vinculadas ao campo agroecológico, categorizadas como homens ou mulheres, sendo posteriormente

racializadas a partir da heteroidentificação. O processo de heteroidentificação consiste exclusivamente em análise fenotípica do candidato autodeclarado preto ou pardo, realizada por uma comissão, e envolve etapas que podem ser executadas através de vídeo e/ou fotografia submetidos pelo candidato/a, conforme regra descrita no SISU/2021. Para a pesquisa descrita nesse artigo, o processo de identificação racial seguiu a premissa da heteroidentificação observando aspectos fenotípicos: cor da pele, cabelos, formato dos lábios, formato do nariz e quando possível, e foi somada a análise a autodeclaração que a palestrante/o palestrante fez durante a *live* analisada. embora todos os cards possuíam fotos em boa resolução das pessoas participantes possibilitando a heteroidentificação, foi premissa desse estudo sempre respeitar, em primeiro plano, a auto-identificação que as/os participantes fizeram durante as *lives*. Devido ao grande volume de informações, os dados foram divididos em 2 agrupamentos: Google YouTube, sendo que o Google foi utilizado como um fator de comparação já que a pesquisa no canal aberto não tem compromisso político com os processos feministas, antirracista e de valorização da inclusão/diversidade; e dos dados vinculados aos grupos de WhatsApp, por ser um espaço amplo e de rápido alcance.

RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Análise dos dados do agrupamento Google + YouTube.

Nesse grupo foram analisadas 163 lives, onde 109 foram coletadas pelo google e 54 nos canais do YouTube dos coletivos estudados. Foram convidadas 487 pessoas para compor esses espaços, sendo que, ao analisar a distribuição entre homens e mulheres, encontramos: a) Google: 138 homens e 186 mulheres; b) Canal YouTube Coletivo Aroeira: 19 homens e 23 mulheres; c) Canal YouTube Coletivo Jatobá: 5 homens e 7 mulheres; Canal YouTube Coletivo Ingá: 5 homens e 37 mulheres; Canal YouTube Coletivo Jequitibá: 34 homens e 33 mulheres; d) valores totais: 201 homens e 286 mulheres.

Considero que, de maneira ampla, os coletivos ligados à Agroecologia compreendem que é fundamental ampliar a diversidade nos espaços de poder fortalecendo a luta e a

demolição dos processos violentos e excludentes causados pelo patriarcado. Nas *lives* estudadas, os números explicitados por essa pesquisa mostram que o processo de inserção das mulheres nos espaços de visibilidade é uma realidade, pois 58,7% dos espaços de fala foram ocupados por mulheres. Outra questão importante é que as redes de comunicação envolvidas nessa pesquisa estão comprometidas para além do tema, visto que, para esses canais, é importante visibilizar a presença das mulheres fortalecendo a materialização do processo repetido como um alerta contínuo: Sem feminismos não há Agroecologia.

Raça

Quando aprofundamos a análise para compreender qual a raça dos corpos que ocuparam esses espaços, verificamos que a lógica não foi a mesma. A racialização dos corpos negros e indígenas em comparação com as pessoas não racializadas (brancas) traz em si uma conexão histórica de valorização e inferiorização que impede as pessoas não brancas de acessar espaços de poder e visibilidade. Assim como no caso das mulheres, os coletivos ligados à Agroecologia publicizam compreender o quão cruel é o impacto do racismo, mas dos homens e das mulheres que ocuparam os espaços de poder, verificou-se a seguinte realidade: entre as 286 mulheres, 219 mulheres eram brancas, 56 negras e 11 indígenas (Figura 1); e dos 201 homens, 176 eram brancos, e apenas 17 negros e 8 indígenas (Figura 2). Retirada a questão de gênero e com foco apenas na questão da raça/etnia das pessoas detentoras da fala, 81,1% dos espaços são ocupados por pessoas brancas, elucidando a seguinte pergunta: há Agroecologia nesses espaços já que a marginalização das pessoas não brancas continua presente e concreta? Novamente, volto o olhar para os canais de comunicação que atuaram na circulação das *lives* ocupadas nitidamente por um forte contingente de pessoas brancas, sem que tal realidade se configure como um incômodo. Por quê a ausência de mulheres é rapidamente percebida, enquanto a ausência de pessoas negras e indígenas não é um obstáculo para a circulação de informações?

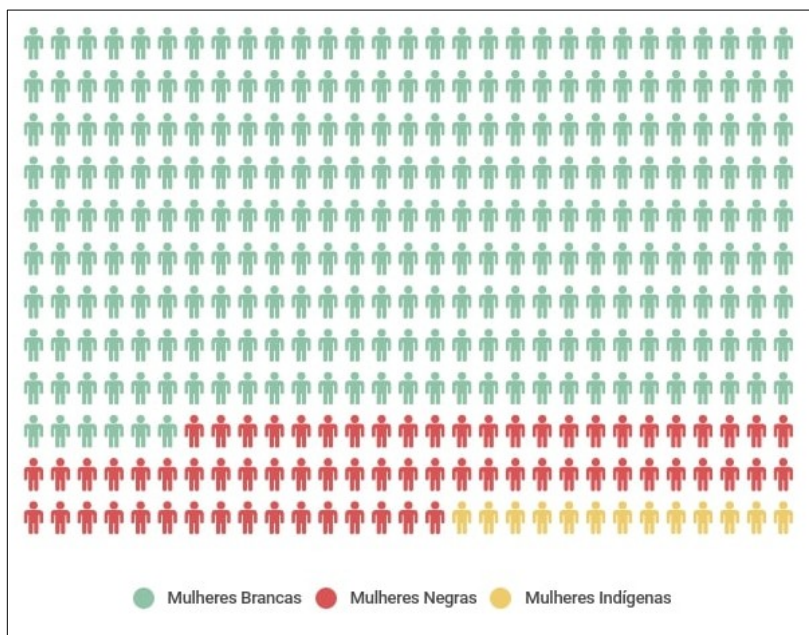


Figura 1. Mapeamento da participação de mulheres x raça/etnia.

Fonte: dados da autora, 2022.

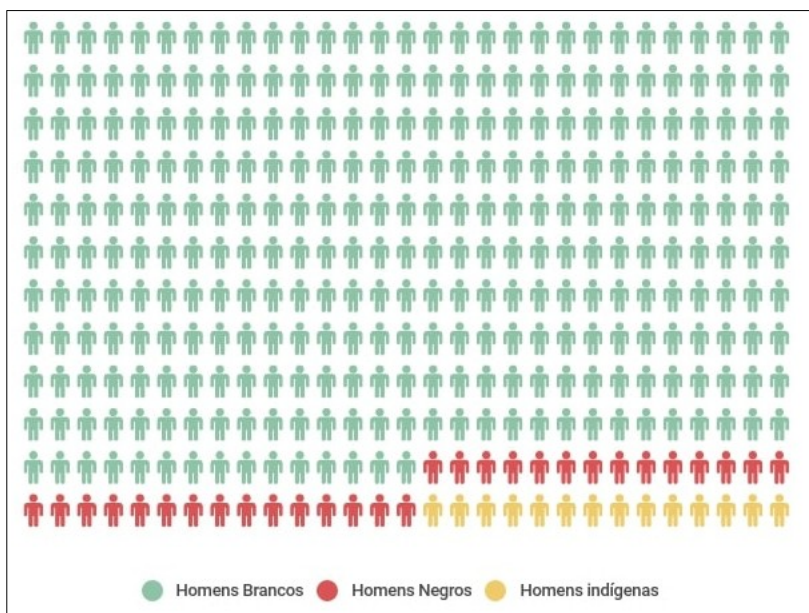


Figura 2. Mapeamento da participação de homens x raça/etnia.

Fonte: dados da autora, 2022.

Perfil das lives: mistas e específicas.

Os números apontam que apesar da narrativa acerca da interseccionalidade no tratamento das desigualdades ligadas à raça, classe, gênero, orientação sexual, posicionamento geográfico, religião, geracionalidade dentre outras especificidades estarem presentes, a raça é negligenciada na práxis dos espaços vinculados à Agroecologia. No caso da pesquisa, a raça é desconsiderada desde o momento do direcionamento do convite para a ocupação dos espaços de visibilidade até a circulação em todas as redes de comunicação dos coletivos agroecológicos estudados sem que a perspectiva da branquitude fosse uma barreira considerada contraditória com o pacto político e ético construído com o antirracismo. Mergulhando mais a fundo sobre a composição das lives, observa-se que: das 163 lives analisadas nesse grupo, 88 foram compostas apenas por pessoas brancas, 7 foram ocupadas só por pessoas negras, 2 acolheram apenas pessoas indígenas e 64 foram compostas por pessoas de mais de 1 raça, sendo que as pessoas brancas só estiveram ausente em 5 dessas lives. O gráfico na Figura 3 foi concebido para auxiliar na visualização dos dados.

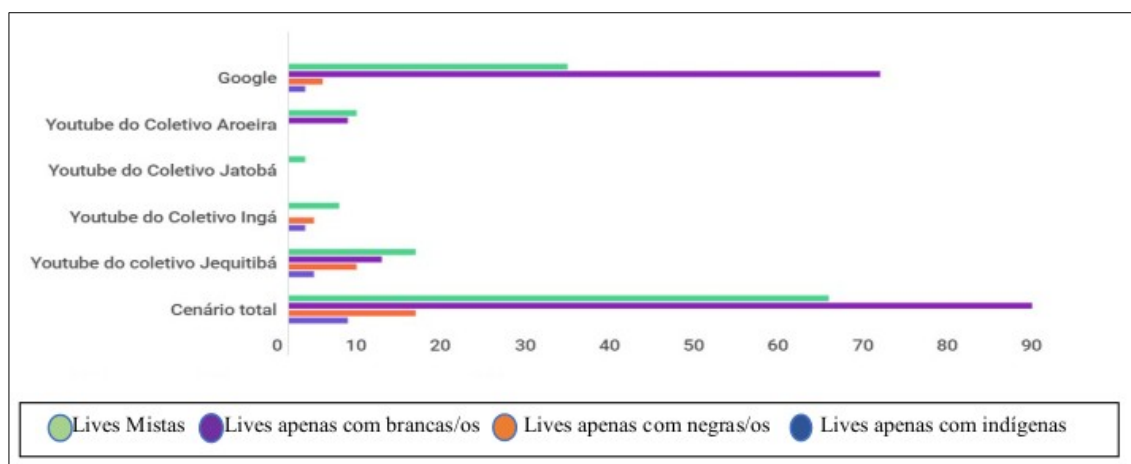


Figura 3. Perfil racial das lives

Fonte: Dados da autora, 2022

Ainda explorando as possibilidades de análise e expandindo a compreensão de como o campo da Agroecologia trabalha de forma muito diferente as desigualdades ligadas a questão de gênero e a questão raça, separei os dados coletados no Google dos dados

obtidos diretamente de coletivos fortemente vinculados com o antirracismo e com os feminismos na construção da Agroecologia:

- 1) Google: das lives coletadas a partir das palavras de busca “lives+Agroecologia”, 42,59% dos espaços são ocupados por homens e 57,40% são ocupados por mulheres. Mas 83,33% das/dos convidadas/os são brancas/os, 3,08% são indígenas e apenas 13,58% são negras/os.
- 2) Coletivos agroecológicos comprometidos com o antirracismo e com os feminismos: os homens ocuparam 38,80% e 61,7% de mulheres. Desses 77,16% são brancas/os, 9,85% são indígenas e apenas 17,90% são negras/os.

Ou seja, em todos os cenários e recorte propostos por esse estudo, a questão racial é negligenciada, enquanto a questão de gênero parece ser um princípio concreto, se materializando como perspectiva estruturante da inserção das mulheres, mas majoritariamente brancas nos espaços de poder.

Análise dos dados dos grupos do WhatsApp dos coletivos.

A capilaridade e a velocidade que a informação circula dentro dos grupos de WhatsApp foram fundamentais para a massificação dos conteúdos das lives no campo agroecológico. Por ser um processo de comunicação diferente das redes sociais e do YouTube decidi, como processo metodológico, realizar uma análise específica para esses canais. Devido ao grande número de grupos disponíveis (+ de 70) criei critérios que possibilitaram o recorte sem comprometer a qualidade dos dados: grupos com maior número de membros e membras, fortemente ativos e com amplitude nacional e, com base nesses critérios, dois (2) grupos foram escolhidos para a realização da pesquisa. Os cards das lives que circularam nesses espaços, durante os anos de 2020-2021, foram coletados e a análise seguiu processos idênticos aos aplicados ao analisar o agrupamento Google + YouTube dos coletivos agroecológicos. Quanto ao gênero, os números encontrados foram: a) Grupo de WhatsApp Angico, 10 homens e 76 Mulheres; b) Grupo WhatsApp Jarana, 120 homens e 417 mulheres; c) valores totais de 130 homens e 493 mulheres.

Novamente, assim como os resultados do agrupamento Google + YouTube, é notório a presença das mulheres na ocupação dos espaços de fala/visibilidade. As pautas feministas estão transformando a Agroecologia de forma estrutural. É óbvio que ainda há um longo caminho a ser percorrido para a erradicação de toda e qualquer desigualdade ligada às questões de gênero, mas os avanços são concretos: nas 183 lives coletadas dos 2 grupos de WhatsApp estudados, foram criados 623 espaços de fala e visibilidade, sendo que, em uma análise composta apenas pela questão de gênero, identifiquei a presença de 79,13% de mulheres e 20,86% de homens. É nítido que as mulheres são as protagonistas das transformações estruturais demonstradas por essa pesquisa. Através dos feminismos, as mulheres atuaram politicamente dentro dos espaços agroecológicos consolidando a questão feminista dentro do campo. O cerne do conflito é que as mulheres não brancas também lutaram e lutam para a consolidação dessas transformações, mas não estão acessando os espaços de poder, tal processo será permanente enquanto a raça for desconsiderada como processo estruturante e organizativo: é certo que a negligência da raça enquanto categoria essencial enfraquece a consolidação do antirracismo, mas também limita o avanço das questões ligadas a erradicação das desigualdades de gênero.

Raça e os conteúdos no WhatsApp.

A pesquisa mostrou que nas redes sociais há uma contradição retumbante entre a consolidação das transformações ligadas com o feminismo em comparação aos avanços conectados com a eliminação das estruturas racistas de não acesso a visibilidade e poder. Nos grupos de WhatsApp, há a presença de pessoas negras e indígenas comprometidas com a pauta antirracista e agroecológica, por isso me questionei se essa presença seria capaz de alterar os resultados encontrados no Google e no YouTube. A mesma metodologia de análise foi aplicada e o cenário encontrado foi a presença de 272 mulheres brancas, 182 mulheres negras e 39 mulheres indígenas. Apesar da maior presença de mulheres brancas, o compartilhamento de lives contendo a presença das mulheres não brancas aumentou substancialmente, em especial das mulheres negras. Os números mostram que houve uma maior circulação de cards com a presença de mulheres negras no WhatsApp quando comparamos com os dados coletados no Google + YouTube. Minha hipótese é que a presença e a atuação política e antirracista das

mulheres negras ampliaram e fortaleceram a circulação de lives mais diversas trazendo representatividade para a comunicação nesse espaço.

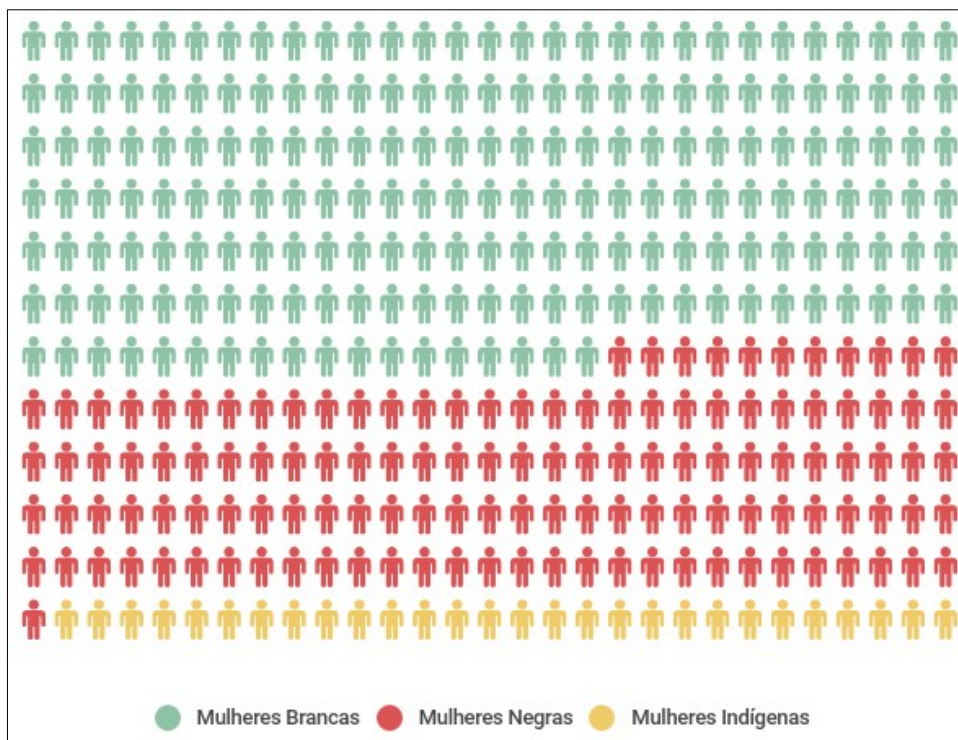


Figura 4. Mapeamento da participação de mulheres x raça/etnia.
 Fonte: dados da autora, 2022

Considerando a presença masculina temos 88 homens brancos, 30 homens negros e apenas 2 homens indígenas, mostrando que ampliação da diversidade racial dentro da categoria de gênero “homem” foi menor que os números encontrados no agrupamento Google + YouTube, no qual 73,33% dos espaços ofertados para os homens, foram ocupados por brancos. Penso que esse fato é mais um indicador de que a atuação antirracista dentro da Agroecologia tem como protagonismo as mulheres negras e feministas, que conectam de forma interseccional as desigualdades de raça e gênero em sua atuação política. A considerável ampliação do número de mulheres negras nos grupos de WhatsApp materializa que a presença de militantes, agricultoras, pesquisadoras, extensionistas negras, comprometidas com a luta antirracista e feminista, tem um relevante protagonismo na consolidação da práxis feminista e antirracista. Vale considerar que, nos agrupamentos estudados, as mulheres negras e indígenas NÃO configuram a maioria dos membros/membras presentes, mas sua presença se torna

impactante e transformadora para produzir uma conexão de atuação, apesar de conflituosa, com as mulheres brancas.

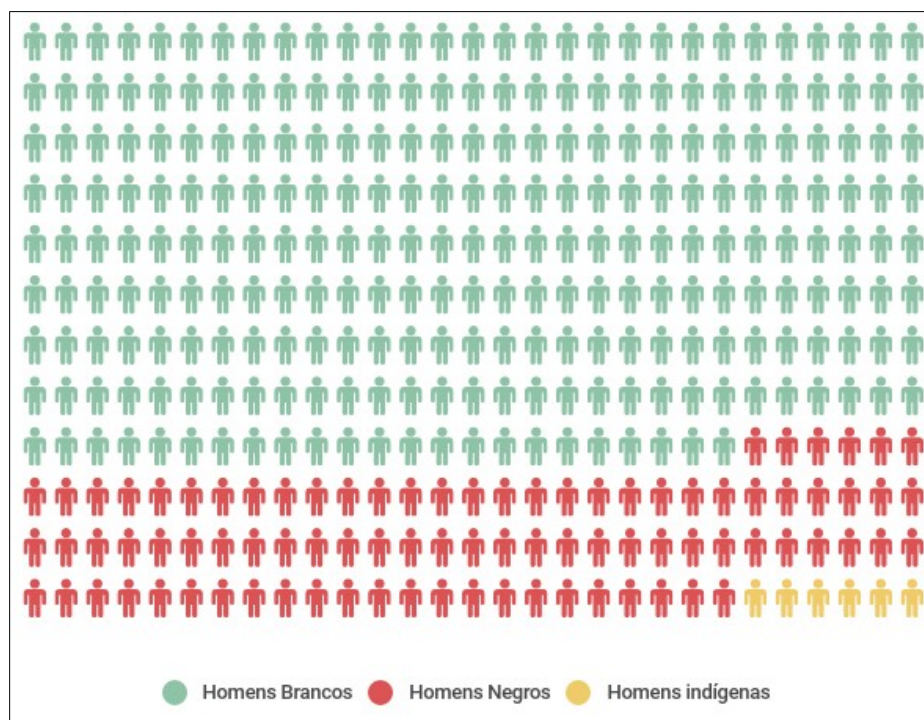


Figura 5. Mapeamento da participação de homens x raça/etnia.
Fonte: dados da autora, 2022.

Lives mistas.

Assim como no agrupamento Google + YouTube, também mergulhei para compreender mais a fundo na racialização das pessoas que compuseram as *lives* compartilhadas nos grupos de WhatsApp, compreendo melhor como a lógica dos convites cria grupos diversos ou homogêneos no que se refere a raça/etnia. Após análise pude perceber que há a constituição de um processo estruturado de ocupação dos espaços, no grupo de WhatsApp do coletivo Angico, 36% das lives foram compostas só por pessoas brancas, 4,5% acolheram apenas pessoas negras, nenhuma *live* foi realizada por indígenas, e 59,09% se configuram como lives mistas (acolheram pelo menos 2 raças/etnias), sendo que em todas há a presença de pessoas brancas. Já no grupo de WhatsApp do coletivo Jarana, 19,8% das lives compartilhadas foram realizadas apenas por pessoas brancas, 8,69% acolheram apenas pessoas negras, 1,24% contaram com a presença de apenas

peças indígenas, e 70,1% das lives que circularam nesse espaço eram mistas. Há uma diferença importante entre os números dos 2 grupos. Buscando possíveis explicações para os distintos cenários observou-se que, o Coletivo Angico é composto por 11,29% de pessoas não brancas, já o Coletivo Jarana é composto por 21,42% de pessoas não brancas e, em ambos os grupos, pessoas negras são mais atuantes que pessoas indígenas no compartilhamento das informações.

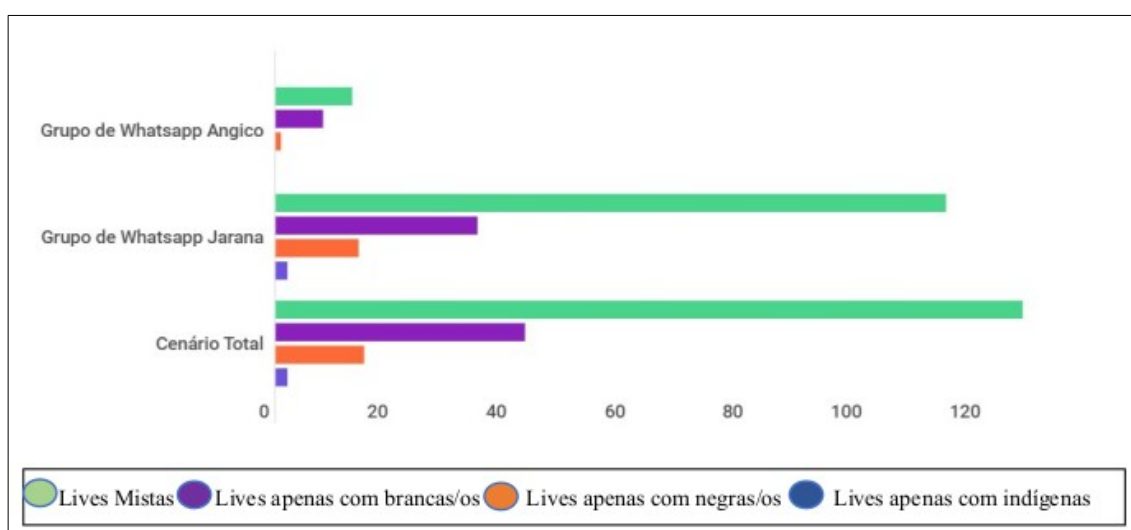


Figura 6. Perfil racial das Lives.
Fonte: dados da autora, 2022.

Racializando e generificando temas abordados pela Agroecologia

As *lives* trataram dos mais variados temas. Datas emblemáticas também foram responsáveis pelo aumento de atividades online durante a pandemia como: dia internacional da mulher; dia da consciência negra; dia mundial da alimentação; e outros momentos que são referência para as lutas que movimentam as atividades de formação e debate na Agroecologia. Os impactos da pandemia sobre a alimentação, soberania e segurança alimentar, e a pauta dos agrotóxicos, são exemplos de assuntos presentes nos eventos *online*. Com isso, surgiu a questão se homens e mulheres são chamados para trabalhar os temas igualmente? Pessoas não brancas circulam sobre os temas mais visíveis da Agroecologia, como a questão dos agrotóxicos? Os temas específicos, como feminismo, são diálogos que ocorre também com os homens? As pessoas brancas

debatem branquitude e antirracismo? Para responder essas e outras perguntas, resolvi realizar outra recorte dentro da pesquisa. Como cada card destaca o tema trabalhado e as pessoas convidadas para o debate, foi possível fazer o cruzamento entre o tema abordado e o perfil dos/das protagonistas da ação.

A planilha de sistematização, apesar de completa, impedia a visão geral e comparativa das informações. As figuras 7 e 8 foram construídas com base na planilha de sistematização dos dados ligado ao agrupamento Google + Youtube, as cores representam as pessoas generificadas e racializadas ligadas aos temas dispostos no eixo x. A cor azul clara, que “transita” por todo gráfico, de forma uniforme, ocupando a maior área do espaço se refere a categoria mulheres brancas. Como os números mostraram, elas ocuparam majoritariamente os espaços construídos pelas lives estudadas e estão presentes em diversos temas. Mas, podemos observar que há um pico quando as atividades estão ligadas aos temas: Agroecologia e feminismo; economia feminista; e feminismo. Ou seja, as demais categorias estão pouco presentes nos espaços de privilégio ou totalmente ausentes

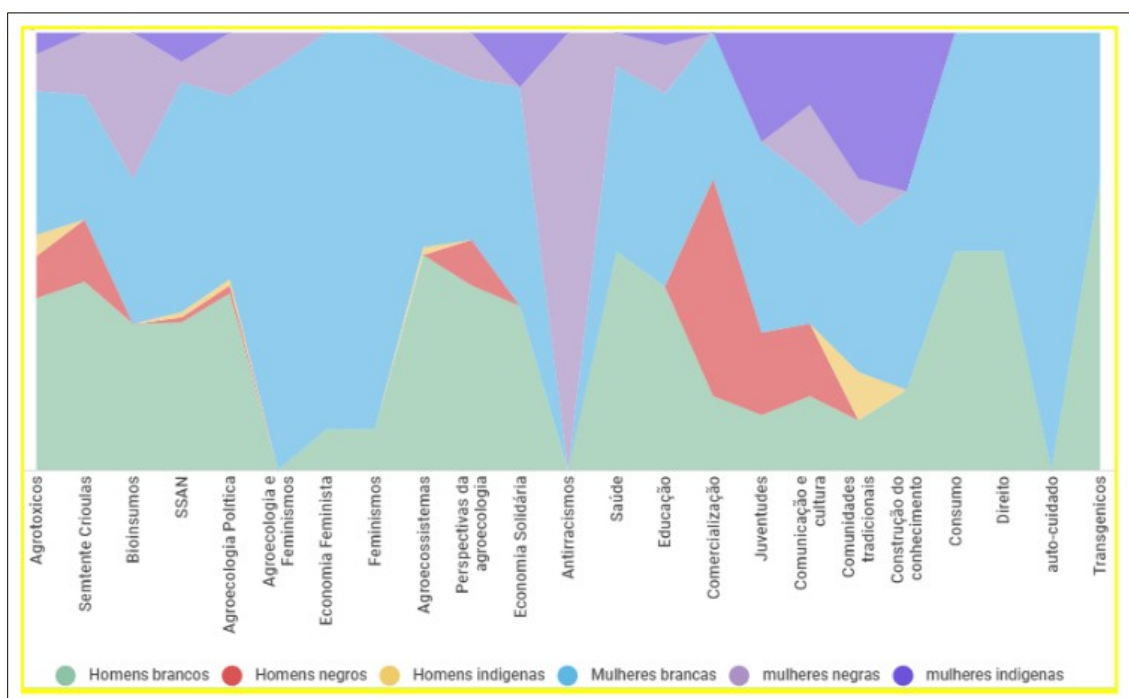


Figura 7:Temas das lives x perfil raça e gênero- Google+YouTube.

Fonte: Dados da autora, 2022

O gráfico da Figura 8 revela as categorias em conexão com os temas para as lives coletadas a partir dos grupos do WhatsApp. Novamente a maior área do gráfico é ocupada pelas mulheres brancas, mas também é possível notar que a área é menor quando comparada com a figura 7. Existem mais picos quando observamos a presença das mulheres negras, o que configura maior número de mulheres ocupando espaços de fala em uma maior diversidade de temas. Quando o antirracismo é abordado, há a presença (ainda tímida) das demais categorias trabalhando o tema, mas a imagem destaca que o protagonismo nesse tema está vinculado às mulheres negras. As mulheres indígenas ocupam um maior espaço em relação ao gráfico anterior, mas ainda estão pouco presentes nas atividades elaboradas pelas Agroecologias. A exceção (segundo a Figura 8) se configura no tema ancestralidade, onde a presença das mulheres indígenas aumenta substancialmente. Já os homens negros, assim como os homens indígenas pouco participaram das lives compartilhadas nos grupos do WhatsApp. Essa realidade é desenhada pela pouca e interrompida presença das cores roxa e laranja. Nesse desenho, posso constatar que a presença dos homens brancos foi fortemente diminuída, estando ausente nos temas ligados ao: feminismo, autocuidados, agricultura urbana, Bem-Viver, LGBTQIA+Fobia.

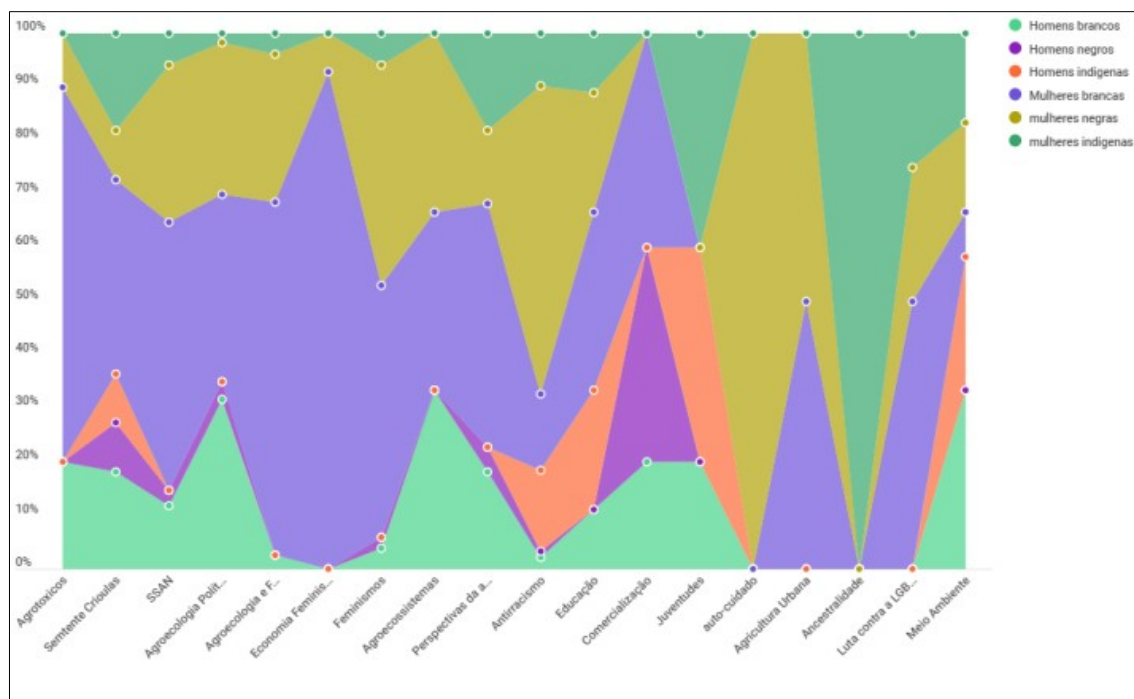


Figura 8: Temas das lives x perfil raça e gênero- Google+YouTube

Fonte: Dados da autora, 2022

CONCLUSÕES

A pesquisa apresentada acima concluiu que apesar do discurso comprometido igualmente com o feminismo quanto com o antirracismo, as pessoas e as entidades ligadas a construção da Agroecologia tratam as duas categorias de formas bem distintas. Os números mostram que, na práxis, o avanço do feminismo foi maior que do antirracismo, ao ponto de influenciar os conteúdos que circulam pelos canais de informação dos coletivos vinculados ao campo da Agroecologia, sendo que a ausência de mulheres nas atividades é rapidamente notada e contestada. Já a ausência de pessoas não brancas, não é algo visto como um problema ou um entrave para o avanço da Agroecologia. Segundo a pesquisa, a circulação de cards que privilegiam a presença branca conectada à ausência de pessoas negras e indígenas nos espaços de falar (poder) não foi uma barreira para a divulgação. Tal processo mostra que o feminismo já está presente na estrutura da Agroecologia, mesmo que ainda possa se ampliar (e não seja da forma que eu e as demais pessoas não brancas desejamos). O antirracismo, no entanto, ainda não está na estrutura do projeto de transformação agroecológico, porque o mesmo não centraliza raça como categoria estruturante, organizativa e perpetuadora da sociedade capitalista e moderna.

A ausência dos homens negros e indígenas nos mostra que também é preciso quebrar a universalidade que há no termo “homem”. Racializando essa categoria podemos abordar que homens brancos pouco tem em comum com homens negros e indígenas, o que faz com o patriarcado ligado a branquitude machista também não seja o mesmo para homens não brancos. Precisamos trabalhar com patriarcados no plural, o que justifica a existência dos feminismos com muitos “s”.

Por fim, a pesquisa mostra que o protagonismo da luta antirracista é das mulheres negras, mas que a ausência das demais categorias nessa luta, transforma em sobrecarga a ação das mulheres negras. Os gráficos e infogramas do agrupamento Google + YouTube e dos grupos do WhatsApp mostram que a presença de pessoas não brancas muda a realidade, por menor e mais simples que seja essa mudança. Quanto maior a presença de pessoas negras com poder de interferir na decisão de circular, ou não, determinado conteúdo, maior foi a presença negra e indígena nos dados de ocupação

dos espaços de poder. Isso mostra que o projeto agroecológico só irá se configurar como realidade, quando o processo de privilégio fortalecido pela branquitude for interrompido: se tem branquitude, não tem Agroecologia e nem antirracismo.

REFERÊNCIAS

BERNADINO-COSTA, Joaze; GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v.31, n. 1, p. 17, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em: 26 set. 2022.

COSTA, Maria da Graça; DIMENSTEIN, Magda; LEITE, Jáder. Narrativas e feminismo em disputa na construção do conhecimento agroecológico em Brasil. **Revista Pesquisa e Práticas Psicossociais**, v. 15, n. 4, p.12, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000400013> Acesso em: 26 set. 2022.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americana**. Buenos Aires:Clacso, p. 55-70, 2005. Disponível em: <<https://ufpb.edu.br/educacaodocampo/efp/images/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ci33AAncias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf>> Acesso em:26 set. 2022.

FRANKENBERG, Ruth. **The social construction of Whiteness: White women, race matters**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

MOTTA, Vivian Delfino. **Por uma Agroecologia Antirracista**. Anais do III CIFA, Cadernos de Agroecologia, v. 15, n. 3, p.1-4. 2020. Disponível em: <<http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/6396/2435>> Acesso em:26 set. 2022.

MOTTA, Vivian Delfino. Agroecologia Antirracista: Insistência. **Cadernos de Agroecologia- Diálogos e Convergências:Mulheres, Feminismos e Agroecologia**. v. 16, n. 1, p.2-9, 2021. Disponível em: <<https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6610/4903>> Acesso em:26 set. 2022.

MOTTA, Vivian Delfino. Mulher(es) e Agroecologia: a diversidade falada, mas ainda escondida, In: BIDASECA, Karina A. ; SIERRA, Marta (Org.). **El Amor como una Poética de la Relación: Discusiones Feministas y Artivismos Decoloniales**. Buenos Aires:Clacso. 2022. p.149-155. Disponível em: <<https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/169333/1/El-Amor-como-poetica.pdf#page=150>> Acesso em: 26 set. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Editora da CLACSO, p.117-121, 2005. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4109238/mod_resource/content/1/12_Quijano.pdf> Acesso em: 26 set.2022.

SILVA, Marcio G. Trabalho, Agricultura Camponesa, Agroecologia. **Revista Inter-Ação**, v.42, n. 2, p.1, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/45702/24708>> Acesso: 26 set. 2022.